

**PEDAGOGIA LIBERTADORA E ÉTICA UNIVERSAL DO SER HUMANO
LIBERATING PEDAGOGY AND UNIVERSAL ETHICS OF THE HUMAN BEING**

José Renato Polli ¹

RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar os elementos centrais do pensamento educacional de Paulo Freire, bem como os conceitos e categorias que dão forma ao seu discurso ético, a Ética Universal do Ser Humano. Pretende sugerir que os fundamentos da Pedagogia Libertadora e da Ética Universal do Ser Humano, se constituem como referenciais para pensar o trabalho educativo como uma das possibilidades para a consolidação de um processo de emancipação em curso no horizonte histórico.

Palavras-chave: Libertação; Ética; Emancipação.

ABSTRACT

This article aims to present the central elements of Paulo Freire's educational thought, as well as the concepts and categories that shape his ethical discourse, the Universal Ethics of the Human Being. It intends to suggest that the foundations of the Liberating Pedagogy and the Universal Ethics of the Human Being, are constituted as references to think the educational work as one of the possibilities for the consolidation of an emancipation process underway in the historical horizon.

Keywords: Liberation; Ethic; Emancipation.

Introdução

Apresentamos ao leitor, parte dos estudos que temos desenvolvido sobre o pensamento ético de Paulo Freire. Estes estudos resultaram em várias publicações, das quais aproveitamos elementos centrais para desenvolver a presente reflexão.

¹ Doutor em Educação (FEUSP) Pós-doutor em Educação (FE-UNICAMP) Pós-doutorando em Estudos Interdisciplinares (CEIS20-Universidade de Coimbra) Professor Visitante (FE-UNICAMP) Email: jpolli@unicamp.br

Paulo Freire se inclui no rol dos teóricos neo-humanistas e entre os pensadores chamados neomodernistas, que aderem e defendem o projeto original e universalista da modernidade, que inclui a defesa racionalidade, da autonomia, da liberdade, da democracia, do espírito ético emancipatório.

As ideias de Freire podem ser consideradas como uma antropologia política, que partiu inicialmente dos estudos do *Personalismo Cristão* de Emmanuel Mounier, passando pelo *Solidarismo Cristão*, que depois se transformou nas bases da chamada Teologia da Libertação. (SAVIANI, 2019, p. 333) A valorização da pessoa e o sentido existencial humano do “ser mais”, advém destas influências teóricas iniciais, que posteriormente são complementadas com assimilações provindas do existencialismo e do marxismo, muito embora Freire nunca tenha sido um marxista. (idem, ibidem). Analisa a inserção do homem na realidade histórica, ao mesmo tempo limitadora e rica em possibilidades para o agir transformador. O projeto de educação de Freire está fundado numa preocupação com a construção coletiva do conhecimento, no desejo de conhecer para transformar.

O pensamento ético freireano é resultado de sua posição humanista, enquanto busca constante da superação das estruturas de dominação e do horizonte da emancipação, por meio da *atitude dialógica*, a racionalidade fundada na *cooperação* e na busca de um entendimento intersubjetivo.

Como representante da chamada *Educação Popular*, procurava ressaltar a necessidade de uma intenção intervencionista sobre a realidade, com a perspectiva de transformá-la. A ideia da libertação dos setores oprimidos deu forma a uma educação voltada para a história como um processo aberto, em que os setores populares também teriam contribuições significativas a dar para a mudança social. (ZITKOSKI, 2000). A crença na emancipação social aparece como elemento do desejo das camadas populares, traduzindo uma concepção de história como interação subjetiva, dialeticamente constituída em bases utópicas, esperançosas, imprescindíveis para a humanidade.

A *Educação Popular* no Brasil surgiu num momento em que o projeto econômico desenvolvimentista e populista proporcionava uma mobilização de grupos, sobretudo aqueles que eram percebidos no interior de instituições como a Igreja Católica, como as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). A *Pedagogia da Libertação*, a *Filosofia da Libertação* e a *Teologia da Libertação*, se entrelaçaram para sustentar teoricamente o modelo popular de base. A partir das experiências libertadoras, Freire construiu uma pedagogia em bases humanistas e críticas, colocando, na autonomia do sujeito e na sua relação de diálogo com os outros, o meio para a sua realização pessoal e para a tomada de consciência frente ao mundo.

1. Fundamentos da Pedagogia Libertadora

Na *Pedagogia do Oprimido*, obra central do pensamento libertador freireano, o educador

apresenta e analisa a oposição entre a *educação bancária* a uma *educação problematizadora*, entre as *situações-limite* ao desejo do *inédito-viável*. A *Pedagogia Libertadora*, pensada ao lado das bases de uma *Filosofia da Libertação* e do pensamento teológico da libertação, inscritas nas lutas e movimentos pela emancipação na América Latina, ressalta o *humanismo pedagógico*. É no diálogo, que leva em conta toda a produção cultural da humanidade, que se percebe que ninguém se conscientiza separadamente dos demais.

As razões que orientam o pensamento paulofreireano não são aquelas que acalentam o ideal de transformação social apenas em nível da consciência, mas, sobretudo, pela valorização da palavra e da intenção transformadora, emancipadora, chamada de *conscientização*. O termo foi criado por Álvaro Vieira Pinto e outros intelectuais pertencentes ao ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), em 1964.

A *conscientização*, como um dos pressupostos da *educação libertadora*, leva em conta a crença na incompletude e inacabamento humano, colocando a experiência existencial de cada ser como um processo aberto e em construção. Resulta da preocupação com os obstáculos e barreiras que eram colocadas no contexto dos anos 60 para a concretização de um modelo mais democrático de sociedade no Brasil. Não como uma panaceia, mas como “um esforço de conhecimento crítico” sobre as razões de ser desses obstáculos. Freire solicitou a atualização do termo, frente aos discursos fatalistas, neoliberais, perguntando-se como colocar em prática a curiosidade epistemológica. (FREIRE, 1999)

Para Freire, a cultura, enquanto uma constante aquisição de experiências, possui um relevante papel no ato de conhecer e transformar a realidade. Por esta razão defende, ao longo de toda a sua produção intelectual, um profundo respeito à diversidade cultural, uma consideração ao lugar cultural do outro, como ponto de partida para o ato da conscientização. Mas essa conscientização não é uma redução à intenção da consciência. Há que se levar em conta o papel dos agentes da colonização na formação das personalidades individuais. Neste aspecto, Freire absorve as contribuições vindas da psicologia, especialmente nas versões apresentadas por Eric Fromm e Franz Fanon.

Fazer da educação um ato político-transformador, torna a obra de Freire uma das principais referências progressistas do século XX. Associando o educar ao formar para consciência política, Freire refunda o pensamento educacional crítico. Em seus vários percursos intelectuais, há um momento em que admite a politicidade da educação como cerne de sua proposta:

[...] houve um momento em minha vida de educador em que eu não falava sobre Política e educação. Foi o meu momento mais ingênuo. Houve outro momento em que comecei a falar sobre os aspectos políticos da educação. Esse foi um momento menos ingênuo, quando escrevi a *Pedagogia do Oprimido*. No segundo momento, entretanto, eu ainda pensava que a educação não era política, mas que só tinha um aspecto político. Agora eu digo que, para mim, a educação é política. (FREIRE; SHOR, 2003, p. 76-77)

O pensamento freireano, propondo a relação entre teoria e prática, leva em consideração a participação do sujeito que aprende, numa relação de diálogo entre diferentes (não entre antagônicos), um processo cooperativo de aprendizagem em que o homem é visto como um projeto inacabado.

A variedade de influências, vindas de outras correntes filosóficas, como a fenomenologia, o personalismo cristão, o marxismo não ortodoxo e o hegelianismo, levam a produção freireana à demanda pelo diálogo e a conscientização, à tomada de consciência e à percepção críticas, como formas de busca de superação das relações de domínio e opressão.

A perspectiva educativa freireana implica uma atitude política transformadora, libertadora, que desvela a alienação, que é causa da angústia humana frente ao anseio de fazer a experiência pessoal plena de significados. Trata-se de uma educação que promove uma consciência do que não está tão claro - as forças domesticadoras, a manipulação, as ideologias e o empobrecimento da experiência humana.

As relações horizontais comportam a noção da troca e da partilha, da vivência democrática radical, para que se consolidem meios para a efetivação da mudança social. A criticidade e a radicalidade democráticas são imprescindíveis para consolidar mudanças possíveis.

A preocupação com a radicalidade democrática, base para a experiência dialogal-transformadora, coloca Freire entre os pensadores neo-humanistas brasileiros que buscam uma fundamentação para a o agir humano, desenvolvendo uma reflexão ético-política sobre a condição humana, que busca pensar uma teoria da ação, considerando a historicidade e a intersubjetividade. (SEVERINO, 2001) Sua forte influência existencialista o levou a desenvolver o tema da liberdade, da educação como prática da liberdade, sendo a educação um *processo de conscientização*.

Nem negativismo, nem determinismo, mas sobretudo uma compreensão dialética da histórica, oposta ao mecanicismo que desproblematiza a vida e tem o horizonte futuro como algo dado a priori. O papel da educação não é transferir dados e conhecimentos, através de modelos, como algo já prévio e sabido como incontestável, mas promover a transformação do presente como algo *“dado dando-se”*. “O futuro não é o que tem que ser, mas o que fazemos do presente”. (FREIRE, 1994, p. 143) A compreensão dialética da história em Freire, visa a superar o determinismo mecanicista, a ideia do futuro como algo já pré-determinado, colocando as pessoas como sujeitos e autores responsáveis pela construção da história.

A natureza essencialmente dialética do ser humano, coloca-o num processo de socialização em que projetar e comunicar-se se tornam os fundamentos da criatividade autotransformadora e socialmente transformadora. Culturalmente mediado, o homem obriga-se à mútua colaboração para humanizar-se e transformar o mundo, buscando uma vivência mais rica de sentido, tanto no plano pessoal como coletivo. Os limites existenciais não são obstáculos intransponíveis; as possibilidades existentes, em um processo inconcluso, são reais. Portanto, o conhecimento implica a noção da amplitude das possibilidades humanas e um sujeito cognoscente capaz de interferir em seu próprio destino e no destino do mundo. A presença no mundo historicamente constituído,

dizendo sua palavra, confere aos humanos, possibilidades de sentido e de transformação da realidade.

Toda a obra de Freire está marcada por sua opção em ler existencialmente a condição humana, tanto do ponto de vista das suas condições materiais - degradantes para os oprimidos - como em seu potencial ontológico em "ser mais".

O homem é visto como ser que se autoproduz, que pode libertar-se de suas mazelas e impulsionar-se para a autotransformação e para a transformação do mundo. Ele pensa e entende o mundo de muitas maneiras, objetiva e subjetivamente, dialeticamente, coletivamente. Entra no processo de humanização com suas próprias leituras e pode dialogar, se comunicar, se encontrar com outras consciências, para pensar e transformar o universo pessoal e coletivo. Os oprimidos são os melhores agentes da mudança em uma sociedade opressora. Eles, melhor do que ninguém poderão compreender a necessidade da libertação. (FREIRE, 1994)

Por essas razões, a escola, em concepção freireana, é um espaço possível para a prática educativa que leva em conta a necessidade de buscar elementos radicais de democratização, uma escola capaz de engendrar uma *esperança* como futuro a ser criado, uma *ética universal do ser humano*. É o espaço da convivência entre as pessoas, que comungam da lógica da utopia que pode *vir a ser*, implícita na dialogicidade, na comunicação efetiva, no potencial comunicativo entre os humanos, uma dinâmica em construção. Os atores que nela atuam, não aceitam as simplificações teóricas que propõem o esgotamento das utopias, da ética e da razão.

O diálogo não escapa aos estratagemas dos interesses de classe, instrumentalizado e tornando-se um recurso monológico de imposição de valores e normas para o agir.

Há igualmente limites para o diálogo. Porque numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor. Numa sociedade dividida em classes antagonicas não há condições para uma pedagogia dialogal. O diálogo pode estabelecer-se talvez no interior da escola, da sala de aula, em pequenos grupos, mas nunca na sociedade global. (FREIRE, 1983, p. 12)

O diálogo, para Freire, não é o diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação da condição de oprimidos. Como reação ao pensamento centrado no econômico, antidialogal por natureza, Freire fixa seu discurso numa visão ético-política do ser humano, um humanismo que não deve aceitar como verdade as imposições do mercado.

A Pedagogia Libertadora, enquanto proposta de educação democrática centrada na cosmovisão dos oprimidos, denuncia os mecanismos de dominação das práticas educativas tradicionais e daquelas voltadas para o interesse domesticador.

[...] enquanto na educação domesticadora há uma necessária dicotomia entre os

que manipulam e os que são manipulados, na educação para a libertação não há sujeitos que libertam e objetos que são libertados. Neste processo não pode haver dicotomia entre seus polos. Assim, o primeiro processo é, em si, prescritivo; o segundo, dialógico. (FREIRE, 1987, p. 89)

O caráter transformador da Pedagogia Libertadora implica, necessariamente, na defesa de uma ação educativa compromissada com a tarefa de *eticizar* o mundo. O compromisso solidário se faz a razão de ser da ética freireana, na medida em que é um “encontro dinâmico de homens solidários, ao alcançar aqueles com os quais alguém se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso”. (idem, *ibidem*) O compromisso humano, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados e ensopados. (idem, *ibidem*)

A marca fundamental de nossa cultura é a intersubjetividade, a intercomunicação. O ato de conhecer depende da relação comunicativa entre os seres que se comunicam. Pensar exige a participação do outro, de modo que “não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o ‘penso’ e não o contrário (FREIRE, 1992) Mas o pensar, como ato coletivo, tem como finalidade promover a busca por melhores significados para a existência pessoal e coletiva, daí o papel que Freire assinala à educação, compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo.

Em sua racionalidade dialógica, Freire busca articular todas as suas preocupações de ordem política, antropológica e ética, para imaginar um sentido possível para a existência humana. No entanto, é no fazer da realização cultural intersubjetiva em que estão dadas as condições para o mútuo entendimento sobre a realidade, que a racionalidade dialógica poderá se processar.

A natureza não está dada, mas é construída na medida de nossa intervenção no mundo. Só é possível entender os homens e mulheres a partir de sua própria experiência histórica, como seres que fazem seu próprio caminho. Vendo o homem como um projeto de hominização, aos moldes dos grandes pensadores da educação contemporânea, Freire entende essa humanização pela capacidade de dizer a palavra. Seu constante esforço por centrar a pedagogia no diálogo está relacionado a esse entendimento de que o humano se faz através do seu potencial comunicativo. Como um ser de relações, o homem busca comunicar e exteriorizar sua experiência através da palavra, num processo de construção de sua existência, inconclusa por natureza.

Em seu autofazer-se, o homem busca transformar sua experiência, por vezes de forma esperançosa, outras vezes, abatido pelos condicionamentos que o interpelam. Para responder a esta inquietação, Freire argumenta que só num processo conjunto de libertação, oprimidos e opressores podem se humanizar. Mesmo condicionado, o homem está aberto dialeticamente para superar historicamente suas situações-limite, atingindo a criticidade através de um processo de conscientização em que percebe seu inacabamento, superando uma consciência ingênua e ade-

rindo a uma práxis transformadora. A história se coloca como possibilidade a partir do momento que os homens passam a problematizar a vida, superando o subjetivismo e o idealismo através de um processo de conscientização em relação ao mundo. A consciência-mundo visa a superar a percepção tradicional sujeito-objeto, em que solitariamente se imagina captar o sentido da realidade.

Uma utopia que pode se concretizar com a ajuda dos processos educativos. Educar é esperar, esperar que o mundo se transforme, apesar da educação, sozinha, não garantir essa transformação. Educar, num sentido popular, freireano, libertador, significa dialogar com vistas a condições melhores nos horizontes da cidadania, considerando dialeticamente as contradições do processo histórico. Significa um pensar dialético que não se baseia em métodos mecânicos de relação com o conhecimento, mas que se torna o meio pelo qual a educação se transforma em um ato político com dimensão ética. A prática educativa não é uma prática neutra, não existe a menor possibilidade dela não se relacionar a finalidades sociais e políticas. Há, ainda, um problema social fundado nas relações entre classes, que não chega a ser o motor da história, mas um elemento importante a considerar para as expectativas quanto a um futuro democrático e ético. Dessa forma, Freire não adere ao dogmatismo de algumas tendências do pensamento marxista, que, segundo ele, ajudam a reduzir a consciência à sombra da materialidade. Mesmo que haja uma condição inseparável, classista entre os homens, a mudança social futura está dada como possibilidade.

A *práxis* enquanto uma unidade dialética reflexão-ação, orienta as liberdades para a tarefa da humanização da libertação humana, no envolvimento entre sujeitos que dialogam e problematizam o mundo para transformá-lo.

2. A Ética Universal do Ser Humano

A educação libertadora de Paulo Freire pode ser considerada um dos instrumentos fundamentais para a reflexão sobre os valores. Os temas éticos fundamentais da ética freireana, como a questão da *liberdade*, da *autonomia* e da *justiça*, estão vinculados a uma intencionalidade, a transformação das realidades opressoras, a partir de uma solidariedade intersubjetiva, oposta diametralmente às formas de individualização da vida. Vinculada diretamente ao *processo de conscientização*, *A Ética Universal do Ser Humano* centra-se no sujeito que, tomando consciência de seu *estar no mundo*, assume a responsabilidade de ajudar a transformá-lo. Trata-se de uma concepção ética que tem como objetivo contribuir para que o processo de humanização torne os indivíduos conscientes de seu papel crítico diante das realidades opressoras:

É que a ética ou a qualidade ética da prática educativa libertadora vem das entranhas mesmas do fenômeno humano, da natureza humana constituindo-se na História, como vocação para o ser mais. Trabalhar contra esta vocação é trair a razão de ser de nossa presença no mundo, que terminamos por alongar em presença com o mundo. A exploração e a dominação dos seres humanos, como indivíduos

e como classes, negados no seu direito de estar sendo, é imoralidade das mais gritantes. (FREIRE, 2001, p. 91)

Há uma exigência contemporânea em resgatar o discurso ético da *Pedagogia Libertadora* de Paulo Freire, devido aos avanços do conservadorismo, que não consegue atingir sua plenitude de ação devido ao fato de que muitos ainda se empenham e ler e reler o mundo com desejos utópicos de transformação, mesmo que não haja resultados promissores e definitivos a alcançar.

Freire denuncia como imorais os mecanismos de dominação e de colonização, que negam o ser humano, impedindo-o de prosseguir em seu processo de humanização. Entre as principais formas de domínio questionadas, estão a dominação econômica, sexual, o racismo, as diversas formas de violência dos mais fortes contra os mais fracos. A educação é um processo de desocultamento dos modos de opressão e de conscientização para a responsabilidade social. (FREIRE, 2001) A solidariedade, como resultado desse agir consciente, torna-se compromisso com a situação de fome e miséria de muitos:

Fome que, se não amenizada, como foi a nossa, vai tomando o corpo da gente, fazendo dele, às vezes, uma escultura arestosa, angulosa. Vai afinando as pernas, os braços, os dedos. Vai escavando as órbitas em que os olhos quase se perdem, como era a fome mais dura de muitos companheiros nossos e continua sendo a fome de milhões de brasileiros e brasileiras que dela morrem atualmente. (FREIRE, 1994, p. 33)

A ética freireana é uma *ética da responsabilidade universal*, uma ética da solidariedade aos despossuídos, através de uma *ciência educacional crítica*. Trata-se de uma ética contra a ética menor, a ética do mercado, que visa apenas o lucro. Está a serviço da emancipação social, enquanto busca formar sujeitos autônomos e capazes de praticar a solidariedade, contribuindo para a formação de uma consciência coletiva transformadora e humanizadora do próprio processo escolar e da sociedade como um todo.

No horizonte ético freireano, visto como possível, as relações se humanizam os sujeitos acalentam a perspectiva do encontro de possibilidades para a construção de uma sociedade mais justa, menos desumana. A partir das experiências cotidianas, há possibilidade de se criarem instrumentos para a comunicação, para a construção possível de novas utopias, pelo consenso provisório entre os pares, numa ética fundada no *diálogo*. Embora as condições do momento presente não sejam tão favoráveis para a construção do *inédito-viável*, a ética Freireana aponta que o caminho para a superação dos dilemas do modelo neoliberal será construído com base num processo dialético-dialógico, não nos paradigmas tradicionais, binários, não complexos. Um conhecimento que se constrói na base do diálogo, que leva a esclarecimentos e entendimentos sobre a realidade que envolve a todos. Um conhecimento progressista, que revela

[...] de um lado, uma posição ética, uma indignação quase instintiva ao justo, uma rejeição visceral à injustiça, à discriminação, de raça, de classe, de sexo, à violência, à exploração, um saber, por outro lado, não livresco, mas não anti-livro, antiteoria. Um saber forjando-se, produzindo-se, em processo, na tensa relação entre prática e teoria. (FREIRE, 1994, p. 114)

Para Freire, não há poder ilimitado que possa diminuir a capacidade ética do ser humano. A força da economia sobre o comportamento individual e social - que é uma forma de produzir passividade -, é um poder irreconhecível, que não comporta outros caminhos nem possibilidades, nem o reconhecimento da capacidade humana de “pensar, conjecturar, de comparar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar. Reduzida à ação de viabilizar o já determinado, a política econômica perde o sentido da luta pela concretização de sonhos diferentes. Esgota-se a eticidade de nossa presença no mundo. Colocando o humano acima de qualquer estrutura, Freire denuncia o elitismo dos discursos libertários em educação, “indiferentes diante das pessoas reduzidas à condição de quase coisa”. (FREIRE, 1994, p. 128)

A eticização do mundo é uma consequência necessária da produção da existência humana. O homem, como ser inserido na história, consciente de seu estar no mundo, tanto está propenso a posicionar-se moralmente frente a ele, como a negar a decência e a sensibilidade humana. Não há como escapar à responsabilidade ética diante do mundo. Nenhuma determinação, de qualquer ordem, retira do homem sua responsabilidade, sua eticidade e sua capacidade de esperança transformadora. Para Freire, é imperativo que a “ética do mercado” seja vista como uma das afrontosas transgressões da *Ética Universal do Ser Humano*. Ela é a perversidade sistêmica que parece limitar o poder dos esforços em torná-la menos malvada. O ato educativo deve ser desenvolvido de modo que não coadune com a “ética do mercado”, mas com uma *Ética Universal do Ser Humano*, uma ética da solidariedade humana. “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em coisas.” (FREIRE, 1983, p. 19)

Na *Pedagogia da Autonomia*, Freire ressalta o caráter ético de sua educação: “Não é possível pensar os seres humanos, longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão”. (FREIRE, 1999, p. 37). Toda prática educativa que acentua o caráter meramente informador, treinando os educandos e desconsiderando o papel formador ético-solidário, amesquinha o processo de aprendizagem. Não se deve educar para arquivar e depositar conhecimentos, processo em que o que se arquiva é o próprio homem, na medida em que passa a fazer menos pela transformação do mundo, pela criação de alternativas de convívio e abdicando de sua capacidade como sujeito da ação.

Na *Pedagogia do Oprimido*, Freire coloca a centralidade ética na luta contra os modos de domínio da consciência, motivada pelos controles na ordem material, em que os que produzem não podem dizer sua palavra. A permanência dessa proposta ética, como sentido das lutas contra

as forças atuais do neoliberalismo e o pessimismo de muitas análises sobre as possibilidades quanto ao futuro, um futuro incerto e a construir, pode ser um alento para a retomada do espírito crítico-transformador do mundo. Diante dos quadros históricos atuais, em que o egocentrismo, o niilismo, o ceticismo, o medo, implicam em uma impossibilidade de geração de forças solidárias, a *Pedagogia do Oprimido* é uma leitura que serve como base possível para a insistência em reações contrárias a esses quadros.

A *Pedagogia do Oprimido* é uma ética, cuja ótica é a crítica ao projeto de dominação, que se desdobra por diversas faces, em que o *ser menos*, a desumanização global dos seres humanos, se reelabora constantemente. Propõe o restabelecimento de uma convivência fundada na generosidade e na solidariedade entre os povos e pessoas, em que a liberdade pessoal se revigora pelas formas de conscientização possíveis e levando os indivíduos a esforçarem-se pelo *ser mais*. Para Freire, não basta tomar consciência das limitações materiais e existenciais humanas, mas faz-se necessário um comprometimento para com a ideia de libertação.

Na convivência com os outros, a esperança deve mover-nos no espírito tolerante, na radicalidade crítica mútua e sobre o mundo, que não se confunda com sectarismo, numa relação dialógica e amorosa com vistas ao conhecimento transformador das realidades pessoais e coletivas perversas. Esta convivência, no âmbito da escola, exige que educadores e educandos não escapem à rigorosidade ética.

Enquanto uma obra sintetizadora do percurso intelectual de Freire, a *Pedagogia da Autonomia* acentua o seu pensamento ético-humanista, definindo sua ética como uma *Ética Universal do Ser Humano*, uma *ética da solidariedade universal*, centrada na autonomia e na capacidade humana de decidir por um horizonte democrático, por uma utopia do “ser mais”, mesmo diante das adversidades e condicionamentos históricos.

Essa utopia do *ser mais* contrasta com a *malvadez da ética neoliberal*, que nega a condição humana para centrar seu interesse na ganância do mercado, que desrespeita a condição humana e tenta suprimir a condição de realização pessoal e coletiva.

Por esta razão, Freire insiste na impossibilidade de que o ser humano fique fora da ética, longe sequer dela. No caso específico dos educadores, seu compromisso solidário, num sentido crítico do termo é o de promover, através do contato humano com os educandos, uma relação de valorização do outro em sua condição. Vendo a educação como uma intervenção no mundo, o educador deve buscar criticamente superar as ideologias, desmascarar os ocultamentos propositais promovidos pela intenção de domínio, para promover o espírito livre, autônomo, capaz de mobilização para a mudança social. Deve estar indignado frente às transgressões éticas, para denunciá-las, assumindo a condição de fazer a história, lutando por uma justiça possível, uma sociedade democratizada e menos desigual.

O cerne da proposta ética de Freire é a humanização, enquanto esforço por traduzir melhores significações para a existência e melhores condições para viver uma vida cidadã, digna. Por esta razão, trata-se de uma utopia ética, a qual sustenta que não pode haver nenhum processo

de humanização diante de um quadro de opressão. Para que haja a verdadeira libertação, faz-se necessário superar a domesticação imposta por uma ordem social que desqualifica o humano.

Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo, estou advertido das possíveis críticas que, infieis ao meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um a priori da História. (FREIRE, 1999, p. 19-20)

O amor pela humanidade, move os homens e mulheres para a tarefa da transformação em que todos possam ser mais. O caráter transformador da pedagogia freireana implica, necessariamente, na defesa de uma ação educativa compromissada com a tarefa de eticizar o mundo. O compromisso solidário se faz a razão de ser da ética freireana, na medida em que é um “encontro dinâmico de homens solidários, ao alcançar aqueles com os quais alguém se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso”. (FREIRE, 1987, p. 19) O compromisso humano, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados e ensopados. (idem, ibidem)

Não passivo, presente no mundo, o homem, no âmbito de sua liberdade e de sua possibilidade crítica, pode assumir com responsabilidade a luta por sua humanização, como algo factível na história. Consciente da realidade que o circunda e, apesar dela, coloca-se como coautor na luta por eticizar o mundo.

Considerações finais

Procuramos indicar neste artigo, os fundamentos teóricos da *Pedagogia Libertadora e da Ética Universal do Ser Humano*, de Paulo Freire, como referências para o desenvolvimento de uma prática educativa comprometida com a ampliação dos horizontes da cidadania e da emancipação possível. Seguindo uma tradição ética universalista, Freire associa ao fazer pedagógico a necessidade de uma sólida atuação em favor da transformação social, com vistas à superação das desigualdades, das injustiças, dos preconceitos.

A Pedagogia Libertadora, portanto, que se sustenta na prática do diálogo, tem por premissa a tarefa de proporcionar a todo ser humano o pleno desenvolvimento para “ser mais”. Suas características ontológicas sugerem a unidade dos sujeitos históricos na ação transformação, conferindo a todos a possibilidade da emancipação pessoal e coletiva. A ética freireana, sob esta ótica, é uma ética da responsabilidade solidária e transformadora, cerne de todo trabalho educativo libertador.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia da esperança -um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez/IPF, 2001.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

POLLI, José Renato. *Freire, Habermas e o horizonte da emancipação*. 2ª. Ed. Jundiaí: In House, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 5ª. Ed. Campinas: Autores Associados, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A filosofia contemporânea no Brasil – conhecimento, política e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ZITKOSKI, Jaime José. *Horizontes da (re)fundamentação em educação popular: um diálogo entre Freire e Habermas*. Frederico Westphalen: URI, 2000.

Artigo Recebido: 29/10/2020

Aprovado em: 26/11/2020

Publicação: Dezembro de 2020